

TEATRO LUSÓFONO E JAPONÊS NA AULA DE PORTUGUÊS

Uma experiência na Universidade de Osaka

Érica Rodrigues Fontes¹

RESUMO

Esse trabalho analisa uma experiência, sob minha coordenação, ocorrida na Universidade de Osaka, Japão, no Departamento de Português. A atividade teve dois objetivos principais: examinar as possibilidades de adaptação textual para performance através do conceito de imagem do *Teatro Imagem* de Augusto Boal e da ideia visual de *kata* – do teatro clássico japonês – e aumentar a exposição dos alunos à cultura lusófona através de uma experiência física que também contribuísse para sua produção oral em português. No decorrer de duas aulas, em 15 e 22 de janeiro de 2020, alunos de língua portuguesa foram convidados a ler e discutir um artigo de jornal e a letra de uma música em português. Posteriormente, eles deveriam encontrar um tópico coincidente entre os dois textos, que seria o cerne de alguns exercícios teatrais propostos. Durante e depois dos exercícios físico-teatrais (segundo momento da atividade), era notório que os alunos estavam mais engajados com o tópico e a língua estrangeira. Os exercícios e esse trabalho foram planejados à luz das ideias de Gayatri Spivak sobre o papel da educação na sociedade contemporânea e das ideias de Peter Brook sobre teatro como arte prática e autobiográfica.

Palavras-chave: Ensino de Língua, Português, Teatro, Performance, História

ABSTRACT

This paper analyzes an experience, under my coordination, which occurred in the Department of Portuguese at the University of Osaka, Japan. The activity had two main aims: to examine the possibilities of textual adaptation for performance through the concept of imagery from Augusto Boal's *Image Theater* and the visual idea of *kata* – from Japanese classical theater – and to enhance students' exposure to Lusophone culture through a physical experience which would also contribute to their oral production in Portuguese. During two classes, on January 15th and January 22nd of 2020, students of Portuguese language were invited to read and discuss a newspaper article and the lyrics to a song in Portuguese. Afterwards, they were supposed to find a coincidental topic between the article and the lyrics which would be the core of their performance exercises. Throughout the physical exercises (second moment of the activity), not only could students easily fuse principles from both theatrical traditions, but they were also visibly more engaged with the topic and the foreign language. The exercises and this article were planned in the light of Gayatri Spivak's ideas on the role of education in the contemporary society and Peter Brook's ideas on theater as a practical and autobiographical art.

Keywords: Language Teaching, Portuguese, Theater, Performance, History

1 Coordenação de Letras Estrangeiras – Inglês, Universidade Federal do Piauí, Teresina, Brasil; Theater Studies, Ryukoku Daigaku, Quioto, Japão. ORCID: 0000-0002-1905-6309
e-mail: ericarodriguesfontes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Se existe no século XXI uma presença cada vez mais marcante de japoneses em Portugal, vale ressaltar que a interação entre as culturas lusófona e nipônica não é recente. De fato, Portugal foi a primeira nação ocidental a ter contato próximo com o Japão, país historicamente muito isolado dos outros e por vários anos². De acordo com Inês Marques, à época das Grandes Navegações, mais precisamente em 1543 (2017), Portugal chegou à costa do Japão, nas proximidades de Nagasaki, tendo estado em vários outros países asiáticos e já exercendo domínio sobre alguns territórios nessa região, a exemplo de Goa, na Índia, e Macau na China. Se há quase cinco séculos foi registrado o primeiro contato entre as duas culturas e o Japão fechou suas portas aos portugueses logo depois, no século XVII, as interações não cessaram totalmente durante esse período. Portugal já havia deixado muitas influências no Japão, com relação à língua, às artes, à espiritualidade e à gastronomia (Marques, 2017), apenas para citar algumas dessas interações. No final do século XIX (1895) e com mais intensidade no início do século passado, a imigração de milhares de indivíduos japoneses para o Brasil também incentivou um diálogo do país asiático com a lusofonia. Muitos mudaram para o Brasil para realizar trabalho agrícola e em virtude da falta de recursos financeiros deles (às vezes possuíam dinheiro somente para o início das atividades na América do Sul) e situação política – duas grandes guerras e o fato de o Brasil e o Japão terem estado em lados opostos na Segunda Guerra Mundial – eles não retornaram ao Japão (Marques, 2017). Assim formaram-se no Brasil comunidades nipônicas nas quais frequentemente as pessoas nem se comunicavam em português (durante a Segunda Guerra tal fato era ilegal e causou a prisão e tortura de inúmeros imigrantes)³, mas esforçavam-se para manterem vivos os costumes e cultura japoneses. O início foi árduo e esse tipo de imigrante foi marginalizado em relação aos demais (italianos e alemães) dentro da sociedade brasileira, pela enorme discrepância entre as línguas portuguesa e japonesa e as divergências entre o cristianismo (principalmente), xintoísmo e budismo. Os primeiros japoneses que chegaram em massa ao país latino-americano eram camponeses, mas a situação

2 Christine Greiner fala a respeito da “insularização” geográfica e social do Japão em seu livro *Leituras do corpo no Japão*.

3 Essa informação foi obtida em uma aula ministrada no dia 22 de janeiro de 2020 pelo professor Rogério Dezem e intitulada **Imigração Japonesa no Brasil I**, em horário imediatamente anterior ao *workshop* abordado nesse artigo. Na mesma aula foi exibido o longa-metragem *Haru e Natsu* (produzido pela *NHK*), que trata das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes japoneses no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial.

de baixa renda não permaneceu um reflexo da maior parte desta população em solo brasileiro. Atualmente japoneses e, principalmente, seus descendentes compõem, no Brasil, muito da elite do país pelo seu envolvimento em atividades políticas, intelectuais e econômicas de destaque (Marques, 2017). Hoje o Brasil é o segundo país do mundo, depois do Japão, com maior comunidade nipônica, incluindo indivíduos nascidos no país asiático e moradores do Brasil e seus descendentes nascidos neste país. Nos anos 1980, devido à inflação galopante no Brasil e de oportunidades oferecidas a filhos e netos de japoneses para trabalho no Japão, milhares de descendentes de japoneses nascidos no Brasil emigraram para a Ásia, a fim de, por tempo limitado, realizarem trabalho operário em fábricas japonesas. Assim como seus antecessores, que fizeram o itinerário inverso, seu principal objetivo era econômico e semelhantemente a seus antepassados, alguns nunca mais retornaram ao país de origem.

2. ESTUDOS LUSÓFONOS NO JAPÃO

Pela liderança econômica, tecnológica e legado cultural, artístico, social e espiritual deixado pelo Japão, sua cultura é constante objeto de estudo e apreciação no Ocidente. São vários os interesses gerados pelo Japão no outro lado do mundo. Há quem se aproxime do país por trabalhar na área de tecnologia, por amar anime e manga, xintoísmo ou gastronomia. Há também quem se aproxime do Japão pelo teatro clássico japonês, uma das áreas focais desse artigo. Todas essas modalidades de manifestação cultural japonesas têm muito a acrescentar a seus equivalentes ocidentais.

Uma das primeiras trocas culturais entre o mundo lusófono e o Japão ocorre através da língua e literatura. É no livro *As viagens de Marco Polo* que é feita a primeira citação oficial ao Japão. E ainda no século XVI são iniciadas por Wenceslau de Moraes as traduções dos primeiros *Haiku*. Armando Martins Janeira realiza a primeira tradução poética de peça do repertório nô, a partir de colaboradores japoneses e de pesquisa das versões inglesa e francesa deste material (Teixeira, 2014). O teatro sempre foi um eficiente instrumento de demonstração e aproximação cultural. O interesse na tradução de peças de teatro clássico japonês (nô) demonstra que esse tipo de teatro – não-realista, lírico, trágico, musicado, com movimentos estilizados e com narração que se assemelha a um canto falado – é esteticamente diferente e, talvez exatamente por isso, interessante ao Ocidente.⁴

4 Durante três semanas, de 17 de julho a 10 de agosto de 2019, ocorreu o *Traditional Theater Training* no

Poderíamos concluir que a interação política e econômica entre os mundos nipônico e lusófono refletiria em uma automática e positiva procura por Estudos Lusófonos no Japão, mas a realidade é bem diferente. Academicamente, a interação entre as duas culturas não é satisfatória: de acordo com o levantamento de dados feito por Marques para sua dissertação de mestrado há, em todo o território japonês, apenas nove departamentos de Estudos Luso-Brasileiros (2017). Em seu trabalho, Marques salienta a necessidade de a aula de língua portuguesa no Japão ter ligação com uma aprendizagem sobre a cultura lusófona. A pesquisadora aponta como alguns dos principais problemas na tradição do ensino de Português como Língua Estrangeira no Japão (PLE) o enfoque na gramática e as poucas oportunidades que os alunos têm para praticar conversação nas aulas, não contextualizando língua e cultura. Assim, Marques considera que não há objetivos reais no ensino de PLE no Japão onde, ao contrário da cultura anglófona, a cultura lusófona não está disseminada fora da sala de aula. A ênfase é em utilizar o português para negócios (principalmente com empresas que possuem filiais no Brasil) e para a realização de exames de língua dentro do contexto universitário (2017). Apesar de haver milhares de falantes nativos de português no Japão, as universidades não propiciam momentos (projetos ou visitas acadêmicas, por exemplo) de interação entre falantes nativos do português e alunos japoneses. Apesar disso, intercâmbios para Portugal e o Brasil são incentivados. (Marques, 2017).

Dentro de uma proposta mais ampla de investigação sobre o teatro clássico japonês – objeto de estudo da pesquisa pós-doutoral da autora desse artigo – houve o convite para a realização de uma experiência na Universidade de Osaka, uma das mais conceituadas universidades públicas do Japão e uma das nove universidades onde há um departamento específico para Estudos Lusófonos. Através dessa experiência, os alunos tiveram uma exposição sobre as literaturas brasileira e portuguesa e sobre a música brasileira sob o viés do teatro, ligando a cultura teatral lusófona – no conceito de imagens desenvolvido por Augusto Boal – à cultura teatral japonesa e seu conceito de *kata*. O conceito de *kata* pode ser explicado pela semelhança com os passos de uma dança, pois consiste em movimentos fixos para determinadas

Kyoto Art Center, um treinamento diário intensivo sobre artes clássicas performativas japonesas que durou cerca de 150h e foi fundado pelo professor Jonah Salz e pelo ator e diretor de *kyogen* Akira Shigeyama, em 1984. Houve grande aprendizado teórico e prático para a pesquisa mencionada no artigo a partir de participação na turma de *kyogen* (comédia clássica) e *kotsuzumi* (tambor de ombro utilizado nas trilhas do teatro *nô* que são executadas ao vivo). Muito a respeito das artes clássicas performativas japonesas foi elucidado durante *workshops* introdutórios de *nô*, *kyogen*, *nihonbuyô* (dança clássica feminina inspirada em movimentos do teatro musical *kabuki*) e *kotsuzumi*, que eram obrigatórios para todos os participantes.

ações. As *kata* são diferentes nos diferentes tipos de teatro, mas resumidamente existe uma *kata* para a forma de o ator beber água, sorrir, chorar e até abrir uma porta. Essas ações serão sempre executadas exatamente da mesma forma, de acordo com a *kata* pré-estabelecida. E podem surgir novas *kata*, a partir de experimentações contemporâneas – algo que foi feito durante os *workshops* na Universidade de Osaka. Esse conceito pode não ser tão claro para um ocidental, mas como será detalhado em seguida, foi facilmente seguido pelos alunos japoneses, conforme o previsto.

3. ESTUDOS LUSÓFONOS NA UNIVERSIDADE DE OSAKA

Em janeiro de 2020, quando foram efetuados, na Universidade de Osaka, os dois *workshops* descritos nesse trabalho, foram também realizadas entrevistas com a coordenadora do Departamento de Português, a professora de Literatura Brasileira (especializada em Modernismo) Etsuko Hirata e com o professor Rogério Dezem, professor de história, língua e culturas de língua portuguesa do mesmo departamento e também professor na Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto (Kyoto Gaidai). As perguntas foram:

- 1- Há quanto tempo você ensina PLE no Japão?
- 2- Há quanto tempo você ensina PLE como língua estrangeira na Universidade de Osaka?
- 3- Existe uma preferência dos alunos por português de Portugal ou do Brasil?
- 4- Quais são as principais razões pelas quais os alunos estudam português?
- 5- Eles conseguem atingir um alto nível de língua apenas dentro do Japão?

Os professores já haviam recebido as perguntas antes de serem entrevistados. A entrevista com o professor Rogério Dezem ocorreu nos dias 15 e 22 de janeiro e com a professora Hirata no dia 22 de janeiro, data na qual, durante a conversa e com o consentimento dos dois, as respostas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para utilização nesse artigo.

A coordenadora ensina PLE no Japão há mais de trinta anos, e há mais de quinze anos na Universidade de Osaka. O professor, cuja formação é História Social (imigração), ensina PLE há mais de nove anos no Japão e na Universidade de Osaka. De acordo com o professor, os alunos inicialmente têm uma preferência por Portugal e por português de Portugal, porque a formalidade dessa variante corresponde mais eficazmente ao modo de pensar japonês. No

segundo ano, no entanto, ainda de acordo com o professor, os alunos adquirem mais confiança em praticar o português oral através de contato com brasileiros intercambistas. Por isso, normalmente mudam a preferência de país e variante para português brasileiro e o Brasil, pela facilidade de, no Japão, encontrarem mais facilmente pessoas para praticarem especificamente essa variante.

Durante alguns anos, a autoconfiança em prática oral do PLE pelos alunos da Universidade de Osaka foi auxiliada pelo grupo *Café com leite*, grupo criado pelos próprios alunos – os professores só assinaram um documento para concessão do espaço onde ocorreriam as reuniões dentro da universidade. Discentes japoneses e brasileiros (intercambistas) encontravam-se semanalmente para debater tópicos em português e para fazer comidas típicas do Japão e de países lusófonos. Em 2013, antes da Copa do Mundo, o número de alunos chegou a mais de 15, com o ápice de frequência em 2016. Para o professor, uma das vantagens do projeto é o fato de os alunos poderem ver e ouvir outras pessoas falando português além do professor. Atualmente, a líder do *Café com Leite* está afastada para intercâmbio no Brasil: provavelmente o grupo será afetado e os encontros serão cancelados. Com relação à motivação que os alunos têm para estudar português, a professora Hirata destacou: “Muitos alunos entram no Departamento de Português não por causa da carreira em Letras, mas por causa do nome da universidade – Universidade de Osaka”.

Os dois professores foram unânimes em dizer que para alguns alunos o interesse real no mundo lusófono e na língua portuguesa acontece somente algum tempo depois do início dos estudos. Para outros, infelizmente, nunca ocorre. Em virtude desses fatores, os alunos do Departamento de Letras-português da Universidade de Osaka dificilmente conseguem ser fluentes apenas através da experiência acadêmica. Muitos que estão realmente interessados na carreira optam por fazer intercâmbio em Portugal ou Brasil e no exterior adquirem fluência em português.

4. TEATRO NA ADAPTAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS NA UNIVERSIDADE DE OSAKA

A pesquisa que incentivou a experiência narrada nesse artigo foi iniciada há aproximadamente cinco anos com estudos da língua japonesa no Brasil e posterior interesse em teatro clássico japonês, gênero comédia, o kyogen. O kyogen e suas possibilidades de interação com o Teatro Imagem de Augusto Boal formaram o embrião de uma investigação mais profunda e atual sobre outros tipos de teatro japonês, a saber: o nô, o kabuki e o bunraku.

O teatro nô é definido pelo estudioso Don Kerry em *A Guide to Kyogen* como um tipo de teatro que trata do mundo espiritual e lida com o âmago da alma, ao contrário do kyogen que lida com o mundo terreno e os seres humanos (1998). Esses dois tipos de teatro iniciaram sua história ao mesmo tempo e indicando uma visão trágica e cômica da vida, respectivamente. No artigo “Noh and Muromachi Culture”, Shingo Kagaya e Miura Hiroko definem o teatro nô como: “(...) masked, lyric drama which developed alongside kyogen comedy in mid-fourteenth century.”⁵ E defendem ainda que nô é um tipo musical de drama não ligado ao realismo (2016, p. 24). Normalmente uma peça de teatro nô é *dançada* pelo ator principal. Mesmo que as movimentações sejam lentas e a coreografia não seja perceptível, essas movimentações são aprendidas como passos de dança e os movimentos são estilizados. Os figurinos utilizados pelos atores desse tipo de teatro são muito sofisticados. O kabuki é definido por Julie Iezzi em “Kabuki: Superheroes and femmes fatales” como uma forma teatral tradicional e tradicionalmente masculina que incentiva interação com a plateia e se apresenta de maneira visualmente viva, com música marcante e atuação grandiosa. Iezzi também salienta que o kabuki e o bunraku⁶ – teatro de bonecos que são manipulados por três profissionais cada e que segue uma história narrada de forma cantada – surgiram juntos com um propósito comercial – inovador à época (2016). Os dois tipos de teatro possuem inúmeras semelhanças: figurinos dos personagens, histórias, tipo de música e até atuação.

Percebe-se que essas formas de teatro guardam tesouros do fazer teatral e que muitos de seus princípios são facilmente aplicáveis a um tipo de *performance* prático e universitário, público a quem se direcionam muitas experimentações da pesquisa, em virtude do trabalho da autora há mais de uma década nessa área. Assim, procuram-se usar conceitos basilares do teatro clássico japonês em experimentos acadêmicos, nos quais textos são lidos e adaptados para encenação baseados em exercícios e conceitos de teatro clássico japonês, combinados com exercícios do Teatro Imagem de Augusto Boal.

Para a atividade específica na Universidade de Osaka em janeiro de 2020, um dos objetivos era que os alunos tivessem uma experiência da cultura lusófona que, no caso, já seria iniciada pela leitura de um texto de jornal narrando a perseguição de uma loja nipônica no Brasil (em São Paulo) a uma moça mestiça e depois com a análise da letra da música do grupo *Natiruts*

5 “Drama lírico mascarado que se desenvolveu conjuntamente com a comédia kyogen em meado do século XIV”. (Minha tradução)

6 No âmbito da pesquisa, até agora, foram assistidos dois programas completos de Bunraku (aproximadamente 8 horas cada) no *Teatro Nacional do Bunraku* em Nippombashi, Osaka.

(banda brasileira de reggae) intitulada “Quem planta preconceito” e composta por Alexandre Carlo, líder da banda. Em um segundo momento seriam feitos exercícios teatrais e em um terceiro momento ocorreria a discussão de dois textos de autores portugueses que aludem à trajetória dos portugueses no mundo.

Após as apresentações iniciais sob a supervisão do Professor Rogério Dezem, os alunos, que já deveriam ter lido o material em casa, foram apresentados à atividade que seguiu a ordem descrita abaixo.

Sobre a letra “Quem planta preconceito”, indique:

- 1- a principal ideia do texto;
 - 2- as ilustrações (exemplos) utilizadas para ilustrar a principal ideia do texto;
 - 3- sua opinião sobre o texto.
- - Sobre o artigo “Brasil: Menina de 12 anos sofre racismo e é acusada de roubo em loja da rede *Daiso JAPAN*”, indique:
 - 1- o tipo de texto;
 - 2- as diferenças temáticas em relação ao texto anterior;
 - 3- a principal ideia do texto;
 - 4- as ilustrações (exemplos) utilizadas para ilustrar a principal ideia do texto;
 - 5- indique sua opinião sobre o texto.

Como os alunos já haviam lido o material⁷ em casa, as duas atividades acima descritas foram feitas seguidamente no dia 15 de janeiro, tendo durado aproximadamente quarenta minutos (vinte minutos para cada texto). Apesar de parecer pouco tempo para uma discussão, é necessário lembrar que os alunos usam a língua portuguesa de forma limitada e que, de fato, o segundo momento (com exercícios de *performance*) deveria convidar os discentes para uma postura mais participativa e de forma espontânea.

Após conversa sobre o material, os estudantes defenderam que os dois textos abordavam o preconceito racial como um problema social a ser combatido. Assim, o tema selecionado

7 Os textos integrais da letra da música, do artigo de jornal, do poema e um resumo do conto podem ser encontrados para consulta no final desse artigo em “Anexos”.

para os exercícios do segundo momento da aula foi o racismo, que regeria todos os exercícios teatrais até a produção de uma cena (momento final da segunda parte).

Posteriormente à discussão de textos, os alunos tiveram vinte minutos para fazer “A máquina do racismo” (Boal, 1998). Cada aluno deveria ilustrar o tema com uma imagem (feita com seu próprio corpo) e com um som. Embora cada aluno correspondesse a uma peça da máquina, todos estariam integrados na mesma maquinaria e deveriam se conectar fisicamente, tocando o braço, a perna, o ombro ou mão do colega, por exemplo.

Os nove alunos presentes criaram uma máquina sobre o racismo. A máquina apresentou nove ideias visuais e sonoras singulares a respeito do tema e [a máquina] funcionou durante aproximadamente cinco minutos. A partir desse momento, a professora solicitou aos alunos que, sem interromper o funcionamento da máquina, eles observassem o que estava sendo feito por todos. Concluída a atividade, os alunos defenderam que a máquina os ajudou a materializarem ideias e que cada interpretação de racismo era diferente e única. As imagens, no entanto, de acordo com análise dos próprios alunos, apresentaram uma similaridade: todas, sem exceção, expressavam o tema de forma negativa.

Mas ainda havia duas imagens a serem desenvolvidas pelo grupo no mesmo dia: a imagem do problema apresentado pelos textos e a imagem de uma possível solução para este problema. De pé e em uma roda, oito alunos foram a “argila” da qual um outro aluno – o escultor – se utilizou para esculpir as duas imagens. A imagem do problema apresentou um indivíduo como o único oprimido, apoiado sobre as mãos e os pés, no chão, condenado por todos, com uma pessoa colocando o pé sobre suas costas e as outras apontando o dedo indicador em posição de condenação. Na segunda imagem, o mesmo aluno (ator) era apoiado por todos, que sorriam e mostravam uma postura mais aberta, ou seja, de aceitação.

Em uma análise final da atividade do dia 15 de janeiro, os alunos expressaram sua satisfação na realização de trabalho conjunto, o que ocorrera pela primeira vez durante o curso. Salientaram que gostariam de repetir a experiência, mas não sempre. Quando pedi que analisassem se sua própria postura seria ocasionalmente racista, admitiram ter preconceito contra chineses.

Em 22 de janeiro, a experiência foi concluída e seguiu o roteiro a seguir (material recebido pelos alunos):

- Utilizando o mesmo material da aula passada, desenvolvam, em três grupos, uma cena que apresenta o problema e a solução que as imagens (esculturas humanas) ilustraram. As imagens devem ser usadas como *kata* e devem permanecer na cena.
- Considere os textos a seguir:
 “Carta a Sofia ou o Quinto Poema do Português Errante”, de Manuel Alegre e “O conto da ilha desconhecida”, de José Saramago
 Com base nesses dois textos, reflita em como o contato entre povos diferentes pode gerar preconceito.
- Expresse sua opinião sobre a aula de hoje.

Os alunos tiveram quarenta minutos para desenvolver as cenas e pediram para ampliar o tema de racismo para preconceito: desta forma, um grupo desenvolveu uma cena sobre preconceito contra mulheres, outro grupo sobre preconceito contra negros e o último sobre preconceito contra japoneses. A apresentação durou dez minutos no total, com pouco mais de três minutos para cada cena e grupo. Foi o primeiro momento da pesquisa pós-doutoral em que foram combinados os conceitos de imagem e *kata* em um experimento teatral. Os alunos, no entanto, não demonstraram nenhuma dificuldade com essa junção, provavelmente porque desde muito jovens são expostos ao teatro clássico japonês e o conceito de imagem é mais simples do que o conceito de *kata*, pois a imagem permanece estática. Quando indagados sobre o momento preferido dentre as atividades teatrais executadas durante os dois *workshops*, eles foram unânimes em dizer que a atividade final de *performance* foi a mais satisfatória, porque os grupos trabalharam mais independentemente do que no primeiro dia e sobre temas variados que eles contextualizaram – todas as cenas ocorreram em alguma empresa no Japão.

No último período do encontro, os textos de Manuel Alegre e José Saramago foram utilizados para um momento de reflexão e não foram estudados com o detalhamento merecido, pois o tempo era exíguo. Todos os alunos concordaram que os deslocamentos dos povos facilitam o contato entre eles. No entanto, isso muitas vezes não é positivo, pois, conforme verbalizado por um dos alunos: “muitas vezes há um contato constante [entre diferentes povos], mas as diferentes partes não estão abertas para aceitar as diferenças”.

5. CONCLUSÃO

Desde o início, a proposta de trabalho apresentada à Universidade de Osaka buscou beneficiar tanto a pesquisa pós-doutoral em andamento quanto o aproveitamento dos alunos. De fato, os dois objetivos estiveram interligados durante todo o tempo, pois somente com o real engajamento e conseqüente produtividade dos alunos, poderiam ser alcançados resultados satisfatórios para a pesquisa. A preparação da proposta levou alguns fatores em consideração: os alunos não são atores profissionais e não possuem um nível elevado de português. No entanto, a atividade deveria ser de tão fácil compreensão que se tornaria um instrumento de motivação para que os alunos se expressassem em português. E não há real desvantagem no fato de os alunos não serem profissionais das artes cênicas, pelo contrário: conforme intensamente defendido por Augusto Boal e Peter Brook, indivíduos não experimentados na arte teatral não estão anestesiados pela técnica ou clichês desenvolvidos por atores profissionais. Podem se entregar mais puramente ao propósito comunicativo do trabalho teatral. (1996). No próprio título do livro *Jogos para atores e não-atores*, Boal já coloca profissionais e não profissionais da área teatral em igualdade. O dramaturgo brasileiro acreditava que ser ator de sua própria história (ou de situação análoga a sua história) no palco traz experiência que pode ser vivida posteriormente na sociedade com certa autoridade. Assim, o teatro de Boal (*Teatro do Oprimido* no qual está contido o *Teatro Imagem*), suas técnicas e métodos se tornam um ensaio para a vida. Preocupação semelhante possui Spivak no que concerne ao trabalho com educação sem etnocentrismo – o contexto do aluno sempre deve ser respeitado. O leitor pode escrever sua própria história a partir de um texto publicado, ou seja, as visões do texto podem ser adaptadas ao contexto do leitor e espectador (2014).

Na Universidade de Osaka, os alunos foram inicialmente apresentados a textos que aparentemente não traduziam seus contextos e falavam do Brasil contemporâneo e de Portugal de tempos atrás. Porém, algumas perguntas durante o processo os fizeram refletir sobre seus próprios contextos. Se observaram questões raciais no Brasil, também conseguiram refletir sobre a presença de atitudes racistas no Japão. Leram sobre Portugal na época da colonização como país que tinha contato com muitos povos, mas nem sempre os aceitava de maneira igualitária. A partir disso, ampliaram sua visão para entender que constantemente a humanidade – em toda sua extensão – protagoniza atos xenofóbicos e de não aceitação das diferenças.

Os alunos foram expostos à língua portuguesa em duas variantes e nas formas escrita e falada. A partir do primeiro momento de compreensão de uma situação que se apresentou em língua portuguesa através de dois textos escritos, conseguiram fazer uma adaptação das ideias apresentadas textualmente para imagens e das imagens para cenas que refletiram o problema inicialmente detectado. O assunto foi ampliado de acordo com as escolhas dos alunos, que demonstraram desejo em abordar outras formas de preconceito – não só o preconceito racial. O conceito de *kata* tão difundido nas artes cênicas clássicas no Japão auxiliou o propósito comunicativo visualmente e dialogou com as imagens anteriormente desenvolvidas. O prazer do trabalho físico conjunto⁸ realizado pelos alunos trouxe uma produção linguística espontânea e inúmeras reflexões culturais sobre povos lusófonos, sobre o Japão e o mundo.

ANEXOS

1- “Pai acusa loja *Daiso* de preconceito racial contra menina negra de 12 anos”

A família da menina P., de 12 anos, acusa a loja *Daiso Japan* no shopping *Grand Plaza*, em Santo André (SP), de calúnia e constrangimento ilegal por abordagem realizada contra a menor no último sábado (14). Em entrevista ao *Uol*, o pai da jovem, Luiz Fernando Baltazar, contou que o boletim de ocorrência foi registrado hoje. O documento cita “preconceito racial, já que ela era a menina com a cor de pele mais escura entre elas, e foi a única a acusada injustamente” por furto. Segundo Luiz Fernando, a família pediu que o crime de racismo estivesse no boletim de ocorrência, mas o delegado responsável pelo caso, Gilmar Camargo Bessa, orientou para que o crime não fosse incluído, alegando que a questão racial seria apurada durante as investigações. O delegado foi procurado pelo *Uol*, mas não quis comentar o caso.

8 Christine Greiner aborda a importância da coletividade para o povo japonês no seu livro *Leituras do corpo no Japão*.

2- “Quem planta preconceito”, de Alexandre Carlo

Quem planta preconceito
Racismo, indiferença
Não pode reclamar da violência
Lembra da criança
No sinal pedindo esmola?
Não é problema meu
Fecho o vidro
Vou embora...
Lembra aquele banco
Ainda era de dia
Tem preto lá na porta
Avisem a polícia...

E os milhões e milhões
Que roubaram do povo
Se foi político ou doutor
Serão soltos de novo
Ooooooooooooooh!
Quem planta preconceito
Racismo, indiferença
Não pode reclamar da violência

Quem planta preconceito
Racismo, indiferença
Não pode reclamar da violência
Quem planta preconceito
Impunidade, indiferença
Não pode reclamar da violência
Quem planta preconceito
Racismo, indiferença
Não pode reclamar...
Ainda há muito
O que aprender
Com África Bambata
E Salassiê

Com Bob Marley e Chuck D
O reggae, o hip hop
Às vezes não é esse
Que está aí
Sequela, a violência
Entrando pelo rádio
Pela tela
E você só sente quando falta
O rango na panela
Nunca aprende
Só se prende, não se defende
Se acorrenta, toma o mal
Traga o mal, experimenta
Por isso ainda há muito
O que aprender
Com África Bambata
E Salassiê
Com Bob Marley e Chuck D
O reggae, o hip hop pode ser
O que se expressa aqui
Jamaica
O ritmo no pódio sua marca
Várias medalhas
Vários ouros, zero prata
E no bater da lata
Decreto morte é o gravata
E no bater das palmas
Viva a cultura rasta

Crianças não nascem más
Crianças não nascem racistas
Crianças não nascem más
Aprendem o que
A gente ensina...

Por isso ainda há muito
O que aprender
Com África Bambata
E Salassiê
Com Bob Marley e Chuck D
Todo dia algo diferente
Que não percebi
E na lição um novo
Dever de casa
Mais brasa na fogueira
E o comédia vaza
A moda acaba
A gravadora trai
E o fã já não
Te admira mais

Ainda há muito
O que aprender
Lado a lado, aliados
Natiruts, Gog
O DF, o cerrado
Um cenário descreve
Do Riacho a Ceilândia
Cansei de ver
A repressão policial
A criança sem presente
De natal
O parceiro se rendendo ao mal
Quem planta a violência
Colhe ódio no final

3- “Carta a Sophia ou O quinto poema do português errante”, de Manuel Alegre

Querida Sophia: como os índios do seu poema
também eu procurei o país sem mal.
Em dez anos de exílio o imaginei
como os índios utópicos também eu queria
um outro Portugal em Portugal.
Mas quando regresssei eu não o vi
como eles me perdi e nunca achei
o país sem mal.

Talvez a própria vida seja isto
passar montanha e mar sem se dar conta
de que o único sentido é procurar.
Como os índios do seu poema eu não desisto
sou um português errante a caminhar
em busca do país que não se encontra.

4- “O conto da ilha desconhecida”, de José Saramago

Um homem bateu na porta do rei e pediu um barco. Queria um barco para encontrar uma ilha desconhecida, o seu pedaço de terra no mundo. Depois de muitas dificuldades, ele consegue o barco, que passa a ser sua terra, seu território.

FINANCIAMENTO

A pesquisa em voga recebe financiamento integral da Fundação Japão por onze meses (Bolsa de Intercâmbio Cultural e Estudos Japoneses), de julho de 2019 a junho de 2020.

REFERÊNCIAS

ALEGRE, M. (2001). *Livro do português errante*. Lisboa: Dom Quixote.

BOAL, A. (1998). *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BROOK, P. (1996). *The Empty Space*. New York: Touchstone.

CARLO, A. (2005). “Quem planta preconceito”. Disponível na Internet em: <https://www.vagalume.com.br/naturuts/quem-planta-preconceito.html>. Acesso em 7 de dezembro de 2019.

DEZEM, R. (2000). *Shindô-Renmei: terrorismo e repressão*. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial.

GREINER, C. (2015). *Leituras do corpo no Japão e suas diásporas cognitivas* (2ª edição). São Paulo: n-1 edições.

KAGAYA, S.; Hiroko, M. (2016). Noh and Muromachi Culture. In J. Salz (Ed), *A History of Japanese Theater* (pp. 24-61). Cambridge: Cambridge University Press.

KERRY, D. (1998). *A Guide to Kyogen* (5th edition). Tokyo: Hinoki Shoten, 1998.

---. (1989). *The Kyogen Book: An Anthology of Japanese Classical Comedies*. Tokyo: The Japan Times.

IEZZI, J. A. (2016). Kabuki: Superheroes and Femmes Fatales. In J. Salz (Ed), *A History of Japanese Theater* (pp. 102-140). Cambridge: Cambridge University Press.

MARCHÃO, T (2019). “Pai acusa loja Daiso de preconceito racial contra menina de 12 anos”. Disponível na Internet em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/09/18/pai-acusa-loja-daiso-de-preconceito-racial-contramenina-negra-de-12-anos.htm>. Acesso em 7 de dezembro de 2019.

MARQUES, I. P. S. M. S. (2017). *O espaço do português no Japão: presença, evolução e futuro da língua portuguesa no Estado Nipônico* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

SARAMAGO, J. (1998). *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras.

SPIVAK, G. C (2012). *An Aesthetic Education in the Era of Globalization*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

TANAKA, K., Sato, M. (Diretores). (2005). *Haru to Natsu* [DVD]. Japão, NHK.

TEIXEIRA, C. A. B. (2014). *A recepção da poesia japonesa em Portugal* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de São Paulo, São Paulo.